

Por **Guilherme Fiuza** em 17/02/2002

Fonte: NO. (Notícias e Opiniões)

Este ano haverá mais uma mega-conferência internacional sobre meio ambiente, marcando dez anos da Eco-92. Como sempre, as torneiras verbais serão abertas e se assistirá à velha dança em torno dos mitos e tabus conhecidos. Cientistas dirão que o efeito estufa está derretendo o mundo e os Estados Unidos alegarão que a coisa não está tão feia assim. Ecologistas dirão que a humanidade tem que consumir menos, e os pobres reclamarão que precisam consumir mais. O mundo dirá que a riqueza biológica das florestas tropicais precisa de proteção, e o Brasil responderá que a Amazônia é nossa.

É mais ou menos como o debate sobre segurança no Brasil: quanto mais o problema se agrava e vira assunto político em Brasília, maior é a sensação de que nunca se esteve tão longe da solução. Esta Amazônia das manchetes políticas, do Sivam, da paranóia da internacionalização, é um lugar muito longe do Brasil real. Ou pelo menos de um enorme pedaço do Brasil real. Um desses pedaços fica em Roraima, na fronteira com a Venezuela, onde vivem (bem, obrigado) os índios Yekuana.

Não que eles não tenham suas dificuldades. Mas pode-se dizer que sua vida tem melhorado, e esta melhora não tem nada a ver com a defesa da soberania nacional. Talvez até o contrário: se os Yekuana estão mais felizes agora, isto tem a ver com uma maior aproximação da parte venezuelana da tribo, e também com uma ajudinha de alguns amigos europeus (que ninguém os ouça).

Os Yekuana acabam de tornar-se os primeiros índios brasileiros a conseguir uma rede de rádios por seus próprios meios, junto à Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações). Trata-se de um povo que mantém o difícil equilíbrio entre sua cultura tradicional e os artifícios da vida moderna. Falando sua própria língua, mas sempre com bons intérpretes, eles levantaram recursos com a ONG internacional Amigos da Terra e alimentaram a burocracia de Brasília com a papelada necessária para a legalização da rede de rádio. Da fiscalização do território ao fortalecimento dos seus laços familiares, a rádio dos Yekuana é um capítulo da verdadeira preservação da Amazônia.

A comunicação à distância torna as fronteiras nacionais algo ainda mais abstrato na vida desses índios de Roraima. Na virada do ano, um membro de uma aldeia na cabeceira do rio Auaris passou muito mal. Tinha diarreia crônica, febre alta, e a remoção para atendimento médico era impossível, por ser uma região muito acidentada e de grandes cachoeiras. Foi então que surgiu no rádio a voz de um pajé Yekuana da cabeceira de outro rio, o Arariquera, que fora informado do caso. As palavras levadas pelas ondas eletromagnéticas e as ervas receitas iniciaram a cura do doente.

Eles não querem saber de movimento indígena

"Os Yekuana descobriram o rádio como instrumento para tratamentos xamânicos à distância", conta o antropólogo Marcelo Piedrafita Iglesias, coordenador do Projeto Rádio Amazônia da Amigos da Terra. A convivência com esses índios, vizinhos quase desconhecidos dos famosos Ianomâmi, revelou a Iglesias a essência do seu caráter: são alegres entre si, mas extremamente sérios e objetivos nos contatos com o resto da sociedade; mostram grande capacidade de articulação política, mas nunca abrem mão da autonomia.

Essa índole independente fica clara num dado curioso: apesar de toda essa articulação, os Yekuana jamais se aproximaram de qualquer entidade do movimento indígena da Amazônia. Seja qual for a circunstância, são seus próprios representantes - sempre contando com a ação de Vincenzo Lauriola e Elaine Moreira Lauriola, dois assessores fundamentais na maioria das conquistas dos Yekuana.

Até mesmo com o Exército brasileiro – núcleo principal das preocupações com a soberania nacional –, esses índios "internacionalistas" souberam desenvolver também uma relação de cooperação. Há dez anos, por exemplo, indicaram aos militares o lugar ideal para a construção de uma mini hidrelétrica, que acabaram ajudando a construir. Recentemente, a eletricidade chegou às aldeias Yekuana.

Era do Exército, inclusive, um dos papéis centrais na comunicação à distância entre os índios, na era pré-rádio. Os jovens que iam estudar em Boa Vista trocavam cartas com seus parentes através dos aviões búfalo. Mas a coisa funcionava precariamente. “Em muitos casos, os estudantes não eram avisados pelos portadores do envio das cartas e comidas, e estas ficavam longo tempo sem serem recolhidas”, relatou Marcelo Iglesias. Em muitos casos, o aviso nunca era dado, e a correspondência jamais chegava ao destinatário, ou era entregue à pessoa errada. Agora, o rádio substitui a carta, ou serve para monitorar o destino dela.

A tal alquimia entre tradição e modernidade parece ser a criptonita dos Yekuana. Eles nunca se converteram em negociantes, camelôs da natureza (como parte dos Caiapós), mas souberam garimpar ouro em suas terras e usar essa renda para comprar, por exemplo, uma casa em Boa Vista – espécie de sede urbana da tribo, onde instalaram seu Conselho de Pais e Mestres. Ali está o ponto de apoio aos jovens estudantes, agora aproximados de seus pais pelo rádio.

Painéis solares, feitiçaria e futebol

Antigos entusiastas da técnica, os Yekuana firmaram-se na região como bons produtores de canoas, seu trunfo principal nas operações de escambo. Mais recentemente, farejaram as maravilhas da tecnologia, desenvolvendo grande intimidade com o uso de placas solares (obtidas na Venezuela) e baterias, conjunto utilizado sobretudo para iluminação de caçadas e deslocamentos noturnos. Com a eletricidade, entraram na era da TV e antena parabólica.

Com toda essa atualização, esse pequeno povo (400 indivíduos do lado brasileiro, 4,8 mil no venezuelano) mantém praticamente intocados os valores e alicerces da sua cultura. Além da fidelidade total à língua, conservam, por exemplo, a sua ritualização da morte. Em nenhuma hipótese admitem tocar nos cadáveres, possivelmente para não serem enfeitizados pelos corpos. O processo do enterro deve ser conduzido por gente de fora do povo.

O rádio era o que faltava nessa alquimia. Um instrumento tecnológico que, para os Yekuana, funciona principalmente como fator de coesão das famílias, guardiães da tradição. Na aldeia de Auaris, o antropólogo Iglesias assistiu famílias caçando a tempo de defumar a carne e preparar o rancho para a chegada de parentes venezuelanos no Natal. O encontro fora marcado pelo rádio.

Da mesma forma circulam as informações sobre festas, casamentos e mortes, além da prevenção aos grandes incêndios de Roraima. Há celebrações ancestrais, como o ritual da moça nova (entrada na puberdade), mas em dezembro passado o rádio estava servindo para a montagem de um grandioso ritual de outra espécie: um campeonato de futebol, reunindo Yekuanas do Brasil e da Venezuela.

Seria este um torneio nacional ou internacional? Na Amazônia das manchetes de jornal e dos diplomatas, seria não só internacional como perigoso – uma conspiração indígena transfronteiriça com supervisão de enviados europeus. No Brasil real, o campeonato não seria internacional nem nacional, seria apenas a Copa Yekuana – única modalidade (esportiva, geográfica ou cultural) em que a Amazônia tem futuro.

Guilherme Fiuza